

A trajetória de musicalização através do canto coral coletivo na escola pública

*Danielle Moura Ferreira
Universidade Federal do Ceará
daniellemf@gmail.com*

*Filipe Ximenes Parente
Universidade Federal do Ceará
philipeximenes@gmail.com*

Resumo: O artigo “A trajetória de musicalização através do canto coral coletivo na escola pública” apresenta um relato de experiência a partir da prática e da vivência em sala de aula. Nele, temos como objetivo refletir sobre as atividades desenvolvidas no ambiente escolar, além de relatar o processo vivenciado. Utilizamos como aporte teórico e prático a metodologia de Zoltán Kodály (1882-1967), que se utiliza do canto e da música local. A escolha do canto se deu devido esta prática oferecer naturalmente todas as propriedades sonoras, rítmicas e harmônicas às crianças. O presente trabalho se estrutura em quatro tópicos, sendo o primeiro destinado a relatar as experiências do semestre inicial; o segundo, a apresentar as dificuldades encontradas no processo; o terceiro, a destacar a prática de canto coral coletivo nas aulas e, por fim, o quarto se destina às considerações finais, em que discutimos as dificuldades e os desafios encontrados, além de sugerir reflexões pertinentes para o campo acadêmico da educação musical.

Palavras chave: Canto. Escola. Musicalização.

Introdução

Este artigo busca relatar fielmente e refletir sobre as atividades desenvolvidas em uma Escola de Ensino Fundamental, localizada em Fortaleza, Ceará, no período de 2014.2 a 2015.2. As turmas eram de terceiro e quarto ano, com crianças na faixa etária de até 10 anos.

Utilizamos a musicalização através do canto como ferramenta pedagógica, tomando, inicialmente, a abordagem de Zoltán Kodály (1882-1967) e relatando conquistas, mudanças e dificuldades ao longo da experiência. O principal objetivo desta prática era revelar às crianças um novo olhar a respeito das práticas musicais na escola, utilizando o canto como recurso. Em nossa prática cotidiana, utilizamos músicas do cancionário popular e brincadeiras direcionadas

com base na apostila “Musicalização através do canto”. As atividades gráficas de leitura utilizadas foram as contidas no livro “Piano Brincando: Atividades de Apoio ao Professor” (FONSECA e SANTIAGO, 1993).

Consideramos a escolha do canto como meio musicalizador devido este oferecer naturalmente todas as propriedades sonoras, rítmicas e harmônicas às crianças (OLIVEIRA, 2012, p.1). O canto desenvolve ainda habilidades racionais, psicomotoras, afetivas e de relacionamento com outras crianças (TEIXEIRA, 2009, p.6). O educador Zoltán Kodály acreditava que a música deveria ser para todos, e que era possível que fosse proporcionada uma alfabetização musical. Por esse motivo, utilizamos a abordagem de sua teoria em nossa experiência. Acreditamos, portanto, que o letramento musical pode se iniciar antes mesmo de se começar a aprender um instrumento.

No primeiro tópico deste trabalho, apresentamos os conteúdos e as ferramentas utilizadas no ensino de musicalização na escola, as nossas conquistas e os pontos importantes que fizeram parte desta experiência formativa. No segundo tópico, intitulado “O caminho e as dificuldades emergentes durante a trajetória”, analisamos a mudança de turma, e todas as dificuldades procedentes desta escolha. No terceiro tópico, “O canto coral na escola”, relatamos mais detalhadamente a nossa experiência em sala de aula, incluindo a prática vocal por meio de exercícios criativos, e atingimos o nosso objetivo. Nas considerações finais, apontamos uma breve reflexão a respeito das dificuldades e dos desafios do caminho docente na vivência no ambiente escolar.

Imersão no ambiente escolar

Iniciamos esse tópico apresentando a trajetória de inserção do canto na escola. Esta atividade musical permeou os caminhos pedagógicos trilhados na escola por meio de uma experiência, vivenciada pela autora, em um curso de formação de professores de musicalização no ano de 2014, em Brasília. Este curso ensinava como musicalizar crianças por meio de atividades com a escala pentatônica, além de utilizar o conceito de Dó relativo.

O método do Dó móvel teve suas origens no sistema hexacordal de Guido D'Arezzo, mas ganhou notoriedade com o trabalho de Zoltán Kodály, na primeira metade do século XX (SILVA, 2016).

As atividades desenvolvidas em sala de aula se utilizavam da proposta de Kodály estruturadas em uma sequência que possibilitassem às crianças aprender um pouco de leitura musical e solfejo. No decorrer do semestre, trabalhamos com exercícios de imitação e de repetição de pequenas melodias, com dois e quatro pulsos. Desenvolvemos, também, brincadeiras musicais com a manossolfa, sistema que alia sinais manuais às notas musicais. Foi desenvolvida ainda outra atividade em que era utilizado um bigrama, um tetragrama ou mesmo um pentagrama em grande escala, feito com fita, tecido ou papel no chão. O objetivo dessa atividade era repetir a melodia cantada pulando nas notas correspondentes nas linhas ou espaços. A principal dificuldade da brincadeira era a troca do lugar da nota "Dó". Nas diversas atividades, alternávamos entre ritmos como o samba, o rock e o funk.

Percebemos que as crianças compreendiam com maior facilidade os conceitos da escrita, do pulso, do ritmo, da pausa e da harmonia da música por meio do canto e da percepção auditiva que o solfejo relativo e o Dó móvel se utilizam. Os resultados do trabalho podiam ser vistos nos intervalos das aulas, quando as crianças brincavam de manossolfa umas com as outras. A aula de música era esperada e desejada pelos discentes, além de ser solicitada por outros professores, que ansiavam por aulas de música em suas turmas.

O caminho e as dificuldades emergentes durante a trajetória

Neste tópico, apresentamos um período marcado por decisões cujas consequências contribuíram para um aprendizado e uma forte experiência dentro da nossa trajetória de formação docente.

No retorno às atividades, após as férias de fim de ano, e com o propósito de dar continuidade aos trabalhos iniciados, nos deparamos com a divisão da turma, isto é, a saída de alguns e a chegada de novos alunos. As turmas de terceiro, agora de quarto ano, foram divididas e, foi preciso escolher entre duas turmas de mesma série. A turma escolhida foi a que

possuía mais alunos que haviam estudado música no ano anterior, assim poderíamos dar continuidade ao processo de letramento musical e observaríamos a real eficácia do trabalho iniciado.

Com o início do ano letivo, novos estagiários do curso de Licenciatura em Música chegaram à escola, mas estes só permaneceram por algumas aulas. Não se sabe ao certo se o curto período de permanência se deu por falta de identificação com a musicalização ou pela localização da escola, situada em uma área de risco. Nas aulas em que estiveram presentes, lhes foram apresentadas as rotinas da sala, como acolhida, brincadeira, atividade e relaxamento.

Para Leal (2004 *apud* VIECHENESKI, 2013, p.6), por meio dessas rotinas, as crianças aprendem a prever o que farão na escola e a organizar-se. Além disso, a existência dessas rotinas possibilita ao professor distribuir com maior facilidade as atividades que ele considera importantes para a construção dos conhecimentos em determinado período, facilitando o planejamento diário das atividades didáticas. Em sala de aula, com o desafio do trabalho em conjunto, dividimos a aula em partes, e cada um dos estagiários pôde assim participar ativamente e ter uma melhor experiência de como era o trabalho em desenvolvimento.

O horário das aulas era sempre após o intervalo, e, por isto, as crianças chegavam agitadas. Diversas vezes pulavam nas carteiras, saíam da sala ou corriam pela escola. É válido ressaltar que esse tipo de comportamento e que a indisciplina não eram somente devido ao horário. Por diversas vezes, os professores regentes da sala gritavam com as crianças no intuito de obter o silêncio das mesmas.

Por terem se acostumado com esse tipo de tratamento, as crianças esperavam que fizéssemos o mesmo, mas não o fizemos; foi preciso, contudo, falar bem mais alto que o natural para que pudéssemos ser ouvidos. Não consideramos que o ato de gritar possa ajudar uma turma a ouvir o professor. Ser autoridade é diferente de ser autoritário. Como educadores, somos chamados a encontrar ferramentas que chamem a atenção dos alunos, o que é diferente de constrangê-los.

No discurso autoritário, o referente está ausente, oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida (o exagero é a ordem no sentido em que se diz “isso é uma ordem”, em que o sujeito passa a instrumento de comando) (ORLANDI, 1996, p.15).

As atividades eram planejadas, contudo, dificilmente conseguíamos executá-las. A indisciplina passou a ser maior, e os alunos não se interessavam em aprender; um barulho enorme na sala era o que tínhamos como aula de música. As segundas-feiras começaram a ficar desafiadoras. Assim que se foi percebido o baixo rendimento, deveríamos ter efetuado mudança de turma, mas possuíamos o desejo de ensinar e cumprir com o prometido.

Tendo em vista a dificuldade em continuar as aulas, tivemos a ideia de, como auxílio pedagógico, utilizar histórias nas aulas, de modo que todos se sentavam ao chão e paravam para escutar. Algumas dessas histórias não tinham ligação direta com música, outras eram musicadas. Recebíamos a atenção de todos, inclusive da professora da sala. Era um momento mágico em que os alunos ficavam encantados. Ao chegarmos à sala, sempre nos perguntavam qual seria a história do dia.

Desse modo, uma das formas que encontramos para desenvolver o processo de musicalização nas crianças foi a utilização de instrumentos musicais na contação das histórias. No decorrer do segundo semestre, percebemos que esse era o único momento em que conseguíamos o silêncio espontâneo da turma.

Por meio do processo de contação, começamos a levar o teclado para a sala e iniciamos alongamentos, exercícios de respiração e vocalizes próprios para as crianças. Elas gostaram e participaram de todas as atividades, mas somente conseguimos toda a atenção dos discentes no final da aula.

Questionávamo-nos muito a respeito de tudo que estava sendo feito na escola, e acerca da eficácia da música na vida das crianças. Refletíamos sobre como a música influenciava no modo delas observarem o mundo e como melhorar a nossa prática. Percebíamos que caminhávamos a passos lentos. Quando ensinar exige criticidade, o educador pode se utilizar da afetividade e da amorosidade para que alcance também uma progressiva humanização. Essas virtudes promoverão o estímulo e a promoção da superação do educando.

Essa experiência proporcionou várias aprendizagens, dentre elas aprendemos a dar aula para adultos, a ter paciência com seus erros, afinal também são crianças. Aprendemos a brincar mais, levar os momentos mais “na brincadeira” e, se for pra ser sério, que depois seja afável. Havia um grande desejo de compartilhar tudo o que sabíamos sobre música, mas era preciso repensar os métodos, a forma, o dito e o não dito.

No próximo tópico, apresentamos o último semestre na escola, em que inserimos a prática de canto coral coletivo. A partir disso, levantamos algumas reflexões.

O canto coral na escola

No último semestre de experiência no ambiente escolar, decidimos trocar de turma para analisarmos qual seria o resultado da nossa prática docente com outros alunos. A nova turma era mais acessível em obediência, atenção e disponibilidade para as atividades. Além disso, contávamos com o apoio da professora, que não faltava, não gritava com as crianças e sempre programava a nossa participação nas aulas em seus planejamentos.

Mudamos também a abordagem, resolvemos fazer um coral. Esta atividade tinha, ainda, a iniciação à leitura como proposta. Por último, alteramos o horário das aulas para que fosse a primeira aula das segundas-feiras. Estas mudanças foram resultado de todas as dificuldades, questionamentos e frustrações com o ensino desde o início da experiência.

As atividades realizadas neste semestre eram similares às de um coral, porém com algumas diferenças significativas. Iniciávamos as aulas com breves acolhidas, com brincadeiras musicais e, somente em seguida, começávamos um alongamento. Algumas crianças se recusavam a participar, preferiam ficar nos seus lugares; era a parte mais difícil do trabalho. Após o alongamento, fazíamos alguns exercícios de respiração simples.

Nas primeiras aulas, mantivemos o foco em exercícios de vibração, de língua e de lábios. Conseguimos uma boa execução destes exercícios logo no início. Em seguida, fazíamos os vocalizes, onde repetíamos diversas vezes a mesma melodia, alterando somente a letra. O importante era criar sempre novas letras e melodias que deixassem os alunos atentos, fosse pela dificuldade, pela curiosidade ou pela vontade de acertar. Uma segunda atividade foi

construída por meio da criação de letras durante os vocalizes. Algumas sugestões deles foram “Café com leite e tapioca” e “Chiclete, pipoca, algodão-doce”. Desta forma, as aulas ficavam bem divertidas e participativas.

Criar significa não submeter-se aos parâmetros do já conhecido, do já visto, do já acontecido. Quer dizer contestar as coisas como se apresentam e partir para outra alternativa de composição. [...] Quer dizer acreditar no novo, no inesperado, na virada, no salto qualitativo (DEMO, p. 76, 1987).

Os problemas com a indisciplina continuaram, mas quase imperceptíveis. Foi inevitável fazer comparações com a turma anterior. O auxílio da professora, sua firmeza e sua autoridade em sala contribuíram muito para que a turma tivesse um comportamento mais adequado.

Encontramos poucas dificuldades com a turma, uma delas era trabalhar com as vozes dos meninos. Alguns eram tímidos e, por isso, diziam que não gostavam de cantar ou, ainda, não cantavam na altura correta. Nas apresentações, observávamos que somente as meninas cantavam, os meninos se recusavam a cantar, somente balbuciando algumas palavras.

Quanto ao repertório, escolhemos músicas que conhecíamos. A primeira delas foi “Na Estrada”, de Marisa Monte, seguida de “Não é proibido”, da mesma cantora. Esta última, por coincidência, era uma música que estava em uma novela infantil no ano de 2015, “Carrossel”, o que facilitou nosso trabalho, pois todos os alunos a conheciam. Também cantamos uma música interpretada inúmeras vezes desde sua composição por Demétrios em 1960, “Ritmo da Chuva”. Quando decidimos mostrar esta música para as crianças, pensávamos que elas não iriam gostar, mas, para nossa surpresa, muitos também já sabiam cantá-la. Seguindo com o repertório, aprendemos a música “É tão lindo”, interpretada pela Turma do Balão Mágico, e, por último, a canção “É natal” (Comunidade Católica Shalom), a pedido da professora da turma.

A construção do repertório de canto coral desperta na criança o gosto pela arte e a capacidade de reagir aos resultados sonoros de músicas de diferentes estilos (erudita, popular, música folclórica de nosso país e do exterior), oferecendo a oportunidade para a vivência de novas possibilidades estético-musicais e possibilitando a formação de novas platéias (OLIVEIRA, p.2, 2012).

Como resultado das mudanças, nos apresentamos à escola cerca de três vezes. Desse modo, o trabalho que estávamos produzindo em sala de aula foi conhecido por toda a escola. A direção e a coordenação da escola ficaram muito satisfeitas e orgulhosas com o coral e nos parabenizaram pelo trabalho desenvolvido com os discentes.

Considerações finais

Apresentamos, neste tópico, as considerações que entendemos como relevantes e que emergiram após a experiência relatada no trabalho exposto.

Encontramos diversas dificuldades neste período. Uma delas foi o distanciamento de uma aula para a outra, por conta de feriados ou mesmo porque as aulas ocorriam somente uma vez por semana.

Outro ponto considerado foi que o aproveitamento dos encontros também poderia ter sido melhor se tivéssemos um material didático próprio para as aulas de música. Para suprir essa necessidade, eram distribuídas cópias de atividades já existentes em livros. Estas, pelo próprio descuido das crianças, eram perdidas, amassadas e até jogadas no lixo. As anotações da aula eram feitas nos cadernos de outras disciplinas ou na agenda. Tal empecilho poderia ter sido resolvido com um livro ou mesmo um simples caderno de música.

Outro obstáculo enfrentado foi a falta de um professor efetivo de Música e/ou Artes na escola do município. A ausência de um profissional qualificado que nos orientasse quanto às atividades, aos rendimentos, à turma e às atitudes com as crianças também foi um dos fatores que nos fizeram desanimar em alguns momentos.

Com o surgimento das dificuldades expostas, começamos a nos aprofundar na busca de didáticas que pudessem suprir as necessidades da turma. Foram diversas possibilidades estudadas e realizadas para que pudéssemos dar aula. Nem sempre conseguíamos e, em algumas aulas, o que nos restava eram apenas atividades que pudessem preencher o tempo de aula. Como consequência, o semestre mais proveitoso foi o quarto, no qual, ao nos

questionarmos acerca dos poucos resultados obtidos até então, resolvemos mudar de turma e de proposta de musicalização.

Por fim, entendemos que é preciso uma ação conjunta que envolva a comunidade escolar, o município, o poder político e a sociedade objetivando a inclusão de professores efetivos da área de música nas escolas. É preciso, ainda, um movimento mais eficaz, que possa trazer a música para o ambiente escolar em caráter educacional e formativo.

Referências

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1987.

FONSECA, Maria Betânia P; SANTIAGO, Patrícia F. **Piano Brincando**: Atividades de Apoio ao Professor – Livro do aluno. Vol. I, 1993.

_____. **Piano Brincando** – Livro do professor. Vol. I, 1993.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

OLIVEIRA, Cleodiceles Branco Nogueira de. **A prática do canto coral infantil como processo de musicalização**. Campinas, SP: [Sn], 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000870690>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

SILVA, Vladmir. **Dó móvel ou dó fixo?** In: Música e Poética. Disponível em: <<http://www.vladimirsilva.com/2010/04/do-movel-ou-do-fixo.html>>. Acesso em: 13 jan. 2016.

TEIXEIRA, Tatiana Dias. **O canto na abordagem educacional de Zoltán Kodály**. 2009. 56 f. Monografia (Especialização) - Curso de Bacharel em Música (canto Popular), Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.meloteca.com/pdfartigos/tatiana-dias-teixeira_o-canto.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2016.

VIECHENESKI, Juliana. **Rotinas da escola e da sala de aula: possibilidades de organização do trabalho pedagógico na perspectiva do letramento**. 2013. Disponível em: <http://sites.uepg.br/pacto/wpcontent/uploads/2013/02/rotinas_da_escola_e_da_sala_de_aula.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2016.